

COQUELUCHE EM LACTENTES: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA MORTALIDADE NO BRASIL (2010–2025)

DAVID COHEN (ULBRA);
FERNANDA CAVINATTO PINTO (ULBRA);
VITÓRIA DAL FORNO SMOLA (ULBRA)



INTRODUÇÃO

A coqueluche segue como preocupação de saúde pública, especialmente entre lactentes, nos quais a doença pode ser mais grave e até fatal. É uma infecção respiratória altamente contagiosa, causada pela *Bordetella pertussis*, que compromete as vias aéreas. Nos primeiros meses, com o esquema vacinal incompleto, os bebês são mais vulneráveis, reforçando a importância da prevenção e do diagnóstico precoce.

OBJETIVO

Analisar a mortalidade de lactentes por coqueluche no Brasil entre os anos de 2010 a 2025.

METODOLOGIA

Estudo ecológico, transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, realizado em abril de 2025, com dados coletados no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), disponibilizados no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Utilizou-se as variáveis: internações, valor total, óbitos e taxa de mortalidade. Para tanto, as internações por coqueluche abrangeram lactentes menores de 1 ano entre fevereiro de 2010 a fevereiro de 2025. Assim, os dados coletados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel, sendo analisados por estatística descritiva.

RESULTADOS

Foram analisadas as taxas de mortalidade, óbitos, internações e o valor total respectivo em cada região do Brasil. No total, registraram-se 155 óbitos, totalizando um custo de R\$ 26.839.922,72. Na região Norte, a taxa foi de 0,85% (13 óbitos e 1.523 internações), com um total de R\$ 1.596.258,59. No Nordeste, a mortalidade foi de 0,90% (47 óbitos e 5.237 internações), e o montante alcançou R\$ 6.669.238,10. O Sudeste apresentou 0,78% (61 óbitos e 7.859 internações), somando R\$ 12.300.114,84. No Sul, foram 23 óbitos em 3.261 internações (0,71%), com despesas de R\$ 4.341.320,40. Já o Centro-Oeste registrou 0,75% (11 óbitos e 1.474 internações), com R\$ 1.932.990,79. Destaca-se que o Sudeste concentrou mais internações e maior investimento, enquanto o Nordeste teve a maior taxa de mortalidade, apesar do alto número de casos. Já o Sul, com internações relevantes, apresentou menor mortalidade, o que pode indicar maior efetividade no manejo da coqueluche.

CONCLUSÃO

Os dados de 2010 a 2025 revelam desigualdades regionais no manejo da coqueluche em lactentes no Brasil. A maior taxa de mortalidade no Nordeste, frente à menor no Sul, sugere diferenças na qualidade da assistência. Além disso, a variação nos recursos destinados às regiões pode impactar a efetividade do tratamento e os desfechos clínicos. Reforça-se, assim, a importância de políticas públicas que revisem a distribuição de recursos e fortaleçam as ações de vigilância, prevenção e tratamento da doença.

Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) (PALAVRAS-CHAVE): Coqueluche, Lactentes, Epidemiologia.

REFERÊNCIAS

- OLIVEIRA, L. H. et al. Coqueluche: reemergência de uma doença prevenível por vacinação. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 41, p. e44, 2017.
- PINHO, R. F. et al. Características clínicas e epidemiológicas da coqueluche em menores de um ano. *Jornal de Pediatria*, v. 91, n. 1, p. 30–35, 2015.
- MARTINS, R. M. et al. Epidemiologia da coqueluche no Brasil: tendências e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, n. 12, p. e00193418, 2019.